

PROFESSORES QUE DIFICULTAM A AFILIAÇÃO ESTUDANTIL: UMA INVESTIGAÇÃO COM UNIVERSITÁRIOS DA UFCG

MONALISA PEIXOTO SOARES

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
psicomonalisa@gmail.com

VIRGINIA TELES CARNEIRO

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
virginateles@gmail.com

RESUMO

O processo de afiliação ao ensino superior é composto por múltiplas relações intelectuais e institucionais, que se apresentam como desafios a serem superados pelos estudantes ao longo de toda graduação. Apesar de ser frequentemente discutida nos meios informais, a relação entre docentes e discentes pouco é estudada cientificamente, bem como sua repercussão para permanência ou não do aluno. Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de iniciação científica, cujo objetivo foi compreender como os estilos pedagógicos de professores podem influenciar na afiliação de estudantes universitários. A metodologia empregada foi de abordagem qualitativa, utilizada para imergir no cotidiano dos estudantes, tendo como referência teórico-metodológica principal a Etnometodologia. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas com 09 estudantes de diferentes cursos e também observações participantes que foram registradas no diário de campo. Os resultados indicam que um dos estilos predominantes são os professores que dificultam a afiliação, por exercerem práticas pedagógicas que não estimulam a permanência, como falta de planejamento de aula, ausência de critérios avaliativos claros e desarticulação entre conteúdo acadêmico e prática profissional. Conclui-se que o estilo pedagógico de determinados professores exerce uma influência negativa na afiliação dos estudantes, por criar um ambiente de desestímulo, tensão e angústia, dificultando não apenas a aprendizagem como também a permanência. A pesquisa aponta para a necessidade de serem desenvolvidos mecanismos de avaliação institucional contínua, que sejam fomentadas discussões e capacitações para o público docente sobre essa temática e que haja espaços de compartilhamento de experiências entre professores e alunos, seja através de políticas internas ou de eventos específicos.

Palavras-chave: Ensino Superior; Afiliação estudantil; Relação professor-aluno; Estilo pedagógico.

INTRODUÇÃO

A universidade é uma instituição efetiva na produção científica a respeito de diversas áreas, porém, estudar o público universitário e as particularidades do Ensino Superior propriamente dito, sua história e demandas, é algo recente no Brasil. Sabendo

que o país tem investido na implementação de políticas para maior acesso ao ensino superior, faz-se necessário investigar aspectos institucionais e educacionais que influenciam a permanência do estudante na universidade. O processo de adaptação do aluno é composto por várias dimensões, porém, fatores como a relação entre docentes e discentes são pouco investigados, reforçando o padrão das instituições em reunir cada vez mais dados estatísticos sem considerar aspectos intersubjetivos que resultam na desistência do estudante. Diante do exposto, este artigo traz um recorte de uma pesquisa de iniciação científica, cujo objetivo foi compreender como os estilos pedagógicos de professores podem influenciar na afiliação de estudantes universitários.

A afiliação é um conceito descrito por Alain Coulon (1995; 2008), fruto de suas observações que retratam que é mais difícil continuar na universidade do que se inserir nela. Para Coulon (2008), afiliar-se é adquirir um status social novo, desenvolvendo o ofício de “estudante profissional” que, quando desenvolvido com êxito, evitará o fracasso e/ou o abandono. Esse processo ocorre em dois âmbitos: institucional e intelectual. Na afiliação institucional, é necessário aprender, interpretar e saber utilizar as regras da instituição; enquanto na afiliação intelectual é preciso aprender as regras da construção, da exibição e da reprodução do conhecimento.

As habilidades mencionadas podem ser desenvolvidas ao longo de três fases: estranhamento, aprendizagem e afiliação. O tempo do estranhamento é consequência do rompimento com os padrões anteriores, sejam familiares ou escolares, e a entrada em um universo novo. O tempo da aprendizagem consiste em uma progressiva adaptação e o tempo da afiliação é o bom manejo das regras, identificável a partir da capacidade e transgredi-las ou interpretá-las. Todas estas características atravessam o cotidiano dos estudantes, na maioria das vezes de forma despercebida, mas que através dos instrumentos teórico-metodológicos é possível analisar cientificamente.

A partir da literatura e do conteúdo produzido em pesquisas anteriores com estudantes da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), foi percebido que os professores são mencionados com frequência quando se pensa na afiliação, fazendo surgir, então, a pesquisa aqui apresentada. A pretensão foi conhecer a interpretação dos universitários acerca da prática docente em sala de aula para identificar os marcadores sociais produzidos nas interações entre ambos, e, assim, compreender as consequências dos estilos pedagógicos na afiliação estudantil. No decorrer do estudo observamos que investigar o estilo pedagógico só seria possível quando atrelado à relação professor-aluno, pois os marcadores sociais só podem ser identificados nessa interação.

Foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados ScieLo e Portal de Periódicos CAPES para reunir a literatura pertinente ao tema. Os trabalhos encontrados sobre o estilo do professor e a relação com os alunos, em sua maioria, foram produzidos com docentes de Ensino Fundamental e Médio, demonstrando a carência de estudos brasileiros no contexto do Ensino Superior. Assim, destaca-se a importância de pesquisar a relação entre professores e estudantes e sua implicação para a afiliação, sendo esta relevante para identificar não apenas a permanência em si, mas também a qualidade dela. Foram encontrados estudos em outros países, como Colômbia e Estados Unidos, que auxiliaram a composição teórica da pesquisa.

Pesquisas como a de Grasha (1994), enfocam o estilo do método de ensino em sala de aula e sua relação com o aprendizado dos alunos. O autor desenvolveu uma classificação que se tornou bastante conhecida, colocando o professor como especialista, autoritário formal, personalizado, facilitador e/ou delegador. Embora o aprendizado seja algo importante para a afiliação, ele por si só não é suficiente para garantir a permanência do estudante na universidade, pois a afiliação, como descrito acima, envolve outras dimensões.

O estudo de Moreno, Molina e Chacón (2014) aproxima-se mais do que buscamos na presente pesquisa, pois define estilo pedagógico como a maneira característica de pensar o processo educativo e de realizar a prática docente utilizando procedimentos, atitudes, sentimentos e valores específicos. As autoras trazem o pensamento de Himmel (2001), que apresenta o estilo pedagógico como o tipo de mediação entre professor-aluno a partir de atitudes e comportamentos que estes desempenham na prática educativa e em seu aperfeiçoamento.

Embora essas pesquisas tratem de temas semelhantes ao nosso, elas não fazem referência à docência no ensino superior e colocam como foco o aprendizado do estudante. Por esse motivo e também por seguirmos um referencial etnometodológico, procuramos não partir de estilos pedagógicos já classificados na literatura, mas sim da vivência dos estudantes participantes da pesquisa. Para isso, foi importante considerar o que Coulon (1995) chama de marcadores sociais, que são as marcas dos atores produzidas continuamente nas interações com os membros dos grupos sociais, neste caso, professores e alunos.

Foram identificados marcadores sociais a partir da percepção dos estudantes acerca das práticas metódicas dos professores que trouxeram definições de diferentes estilos pedagógicos. Como não foram encontradas pesquisas que relacionassem o estilo pedagógico com a afiliação, considera-se que investigar essa articulação é fundamental

para contribuir teoricamente com o aprofundamento do conceito de afiliação, bem como para enriquecer o processo formativo do corpo docente e discente e criar políticas educacionais que sejam aplicáveis e eficazes no contexto local, principalmente por trazer a perspectiva dos próprios estudantes, que inevitavelmente estão inseridos e são protagonistas no processo de afiliação e de ensino-aprendizagem.

METODOLOGIA

Para investigar as sutilezas do cotidiano universitário e as dinâmicas da relação aluno-professor, faz-se necessário participar do mesmo contexto. Para isso, foi escolhida a pesquisa qualitativa, tendo como orientação teórico-metodológica a Etnometodologia (COULON, 1995), a fim de observar as estratégias e decisões dos estudantes dentro de sua realidade, além de abarcar as subjetivações e simbolismos formados pelos mesmos sobre o estilo pedagógico dos professores. Minayo e Sanches (1993) defendem que a abordagem qualitativa preocupa-se com um nível de realidade que não pode se quantificar, e, por isso, é adequada para adentrar na complexidade dos fenômenos e processos particulares e grupais.

Pesquisar afiliação estudantil é considerar a vivência universitária dos discentes e conhecer suas experiências de dentro e fora de sala de aula. Para isso, realizamos entrevistas semiestruturadas e observações participantes. A observação participante pode ser definida como o processo no qual um investigador permanece com um grupo em sua condição natural com o objetivo de entender cientificamente aquela situação (LAPASSADE, 2005). Foi utilizado um diário de campo como ferramenta de registro das observações, entrevistas e do percurso teórico ao longo da pesquisa.

Diferente dos encontros informais foram realizadas entrevistas, que, segundo Minayo (2000), é um instrumento valioso para agrupar informações sobre os participantes e pode revelar condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos, além de comunicar as construções de grupos determinados, em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas. A fim de abranger diversas subculturas estudantis, participaram voluntariamente da pesquisa estudantes de diferentes cursos da UFCG, a saber: Psicologia, Administração, Pedagogia, Design de Produto, Engenharia Civil, Engenharia de Produção e Engenharia Elétrica, totalizando 9 discentes, sendo 2 do primeiro ano (2º período), 3 dos períodos intermediários (4º e 5º período) e 4 concluintes (8º e 9º período).

Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foram escolhidos por conveniência e o critério utilizado para o fechamento

da amostra foi a saturação. As entrevistas foram realizadas na própria universidade, em local e horário combinados; foram gravadas, transcritas e lidas exaustivamente para fins de análise. Para preservar a identidade dos entrevistados, foram adotados codinomes de flores e árvores, respectivamente: Girassol, Lírio, Pinheiro, Tulipa, Margarida, Cravo, Rosa, Carvalho e Salgueiro. Para auxiliar a análise, foi feito um Mapa Temático com os trechos das entrevistas que melhor representaram as categorias e utilizou-se também o diário de campo com o registro das observações.

Para nortear a interpretação dos dados, foi utilizada a Análise Temática (MINAYO, 2000), que pode ser trilhada por meio de três etapas: a Pré-análise; a Exploração do Material e o Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação. Essa modalidade de análise também prevê a codificação, categorização, agrupamento temático e interpretação mais ampla por núcleos de sentido, observando sua frequência e articulando o discurso ao contexto histórico em que foi produzido (MINAYO, 2000). Por se tratar de um estudo envolvendo seres humanos, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Hospital Universitário Alcides Carneiro (HUAC), atendendo à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, obtendo aprovação pelo protocolo número 45280315.1.0000.5182.

RESULTADOS

Sabendo que o objetivo do projeto foi compreender como os estilos pedagógicos de professores podem influenciar na afiliação de estudantes, não restringindo à descrição dos estilos pedagógicos em si, foram levantados temas que relacionavam as práticas pedagógicas dos professores e seus impactos na afiliação. Os resultados indicam que um dos estilos predominantes são os professores que dificultam a afiliação, por exercerem práticas pedagógicas que não estimulam a permanência, categorias que serão mais detalhadas adiante.

Estudar a interação professor-aluno é fundamental para a afiliação, não apenas no processo de aprendizagem intelectual, como também para a afiliação institucional. Aspecto observado na mediação pedagógica, onde o professor pode se colocar como um facilitador e incentivador do aluno (MASETTO, 2012), embora muitas vezes exerça o papel contrário. O autor propõe que a relação professor e aluno parte do princípio de que ambos são capazes de assumir um processo de aprendizagem, em que o aluno trabalhe em parceria com o professor e com os colegas. Perrenoud (2000) defende que uma boa prática de ensino requer conhecimentos didáticos, capacidade de empatia e de respeito ao outro, além da admiração da própria formação contínua por parte do

professor, tendo sempre um caráter reflexivo, com vontade de aprender com a experiência e transformar sua prática.

Considerando tais características trazidas pela literatura e o relato dos estudantes nas entrevistas, é possível observar que há um contraste, que neste caso são os professores que dificultam a afiliação estudantil. Este eixo traz um panorama acerca dos docentes da UFCG que exercem suas **práticas pedagógicas** de uma forma que não estimula o estudante a permanecer, cumprindo apenas suas funções institucionais ou se tornando empecilhos no percurso dos seus alunos.

Em um estudo realizado com estudantes de enfermagem e administração, os autores destacam a importância de se incentivar e criar condições, inclusive na universidade, para que os estudantes acreditem que são capazes. Assim, todos os fatores que desencorajam os estudantes a acreditarem em seu potencial tornam-se ameaças para que estes desistam, seja de uma determinada disciplina ou até mesmo da graduação (CERUTTI et al., 2011). Alguns fatores negativos foram apresentados pelos alunos.

Girassol conta que há professores indiferentes, que apenas apresentam o conteúdo e esperam que o estudante busque mais em outras fontes. Comportamento semelhante no curso de Administração, onde Tulipa conta que *“há professores relapsos, que deixam a desejar na forma de passar o conteúdo e de preparar aula”*. O estudante Salgueiro contrasta o fato de ter professores que parecem não se importar com a disciplina e com o valor daquele conhecimento para a formação do aluno, adotando práticas que tornam a aula monótona, como *“sentar e ler um capítulo de um livro”* ou *“ler slides”* (Girassol). Este é um estilo que Margarida, do curso de Pedagogia, classifica como professores que *“fogem do rumo”*, ou seja, não tem coerência com o ofício que estão desempenhando.

Além destas, outras práticas recorrentes são: a falta de planejamento de aula, a ausência de critérios de correção de avaliação e a desarticulação entre conteúdo ministrado em sala de aula e sua utilização para a vida profissional. Alguns adjetivos usados para os professores desencorajadores foram: acomodado, tradicional, indiferente, desorganizado, não exigente, não competente, ditador, frustrado, egocêntrico, carrasco e inimigo. É importante destacar que não estão sendo avaliadas variáveis de personalidade ou conduta, mas estas são as características que os participantes observam através das práticas pedagógicas e do relacionamento professor-aluno.

Enquanto alguns professores não correspondem às expectativas do aluno ao conduzirem a disciplina de forma displicente, outros parecem ocupar-se excessivamente, assumindo posturas por vezes cruéis com os alunos. No que se refere à

disponibilidade, o professor que dificulta a afiliação é aquele que intimida o aluno (com arrogância implícita ou explícita), é ausente na universidade, não tem horários ou salas definidas para atender o aluno e não abre espaço para tirar dúvidas em sala de aula. Ou ainda, que ridiculariza dúvidas trazidas por alunos, rotulando-as como “de ensino médio” ou “fundamental” (Salgueiro).

Os entrevistados relatam: “*Tem professor que não gosta do aluno e vai lá e detona ele, não avalia corretamente*” (Cravo), “*fazem terror psicológico falando nas primeiras aulas que poucos alunos passam na disciplina dele*” (Carvalho), se colocam em uma posição intimidadora diante do aluno (Pinheiro), se negam a mostrar ao aluno sua avaliação escrita (Salgueiro) ou mesmo postam as notas da última avaliação na véspera da prova final (Rosa), não dando tempo hábil para o estudante preparar-se melhor e descumprindo o regulamento de graduação da instituição.

Assim como foi citado por um dos participantes, esse estilo pedagógico é pautado no egocentrismo. Mizukami (1986) fala desse estilo como uma abordagem tradicional, onde o ensino é voltado para tudo que é externo ao aluno, sobrando para este apenas a condição de “depósito”. O conhecimento é tratado como produto final a ser depositado no aluno, que por sua vez absorve e segue as prescrições do professor passivamente. A hierarquia é bem definida e serve como uma fronteira que demarca, e, ao mesmo tempo, limita o relacionamento professor-aluno.

Dantas (2011), em sua dissertação sobre docência nas engenharias na UFCG, aponta que a visão de ensino universitário atualmente deve concentrar-se na formação, não apenas na informação, como era o modelo academicista tradicional. A autora acrescenta que a docência é composta por um aporte teórico, habilidades e conhecimentos construídos a partir de saberes variados.

Em seu livro sobre didática no Ensino Superior, Gil (2012) explica que o estilo centrado na autoridade funcional é aquele onde os professores perpetuam práticas autoritárias que marcaram a educação brasileira, colocando-se em uma posição de “dono do saber”, que precisa “dominar a classe” e afirmar seu poder de aprovar ou reprovar seus alunos na disciplina. Em uma pesquisa realizada acerca dos eventos estressores no Ensino Superior, Bardagi e Hutz (2011) apontam que a dificuldade de relacionamento com professores, o excesso de provas e trabalhos e a falta de ligação dos conteúdos com a prática são alguns fatores que geram ansiedade nos alunos.

É possível observar que o perfil do professor desencorajador cria um ambiente de desestímulo e tensão, fazendo com que o aluno compareça às aulas apenas por exigência institucional, ou seja, para não ser reprovado por faltas e até pode chegar a

contribuir para sua desistência da graduação ou ainda se tornar mais um agravante para o adoecimento psíquico dos estudantes. Considerando a diversidade de professores e tantos outros fatores, é nítido que vida universitária é marcada por desafios, presentes desde o momento do ingresso ao Ensino Superior, perdurando até a conclusão.

Em um estudo acerca da percepção dos alunos sobre a relação professor-aluno no Ensino Superior, Oliveira et. al. (2014) identificou que os discentes esperam que os docentes sejam facilitadores do processo de aprendizagem e que os tratem com respeito e consideração. Porém, por vezes esse vínculo não é estabelecido devido ao distanciamento, à formalidade e às poucas possibilidades de interação social, o que de certa forma dificulta a adaptação à universidade. Apesar de tudo, esse fenômeno não é recebido de forma imparcial pelos alunos, pois estes criam arranjos para permanecer.

De acordo com Chaves (1993), no início da relação docente-discente, os alunos procuram decifrar os códigos de comportamento que o docente busca com o objetivo de não se contrapor a estes. Habilidade também mencionada por Coulon (2008), onde os estudantes precisam aprender as “regras do jogo” e a forma como essas são executadas na prática educacional. É dessa forma que os estudantes desenvolvem estratégias de afiliação, tanto acadêmicas como institucionais, para lidar com as diferenças de estilos de professores, tendo como alvo a adaptação aos novos estilos pedagógicos, a fim de alcançarem êxito acadêmico e a conclusão do curso com sucesso.

CONCLUSÕES

Através das entrevistas e das observações foi possível identificar como o estilo pedagógico dos professores é algo presente e recorrente no cotidiano dos alunos, ainda que apareça de forma sutil na literatura através da perspectiva dos estudantes. Com isso, percebemos que há uma demanda por parte dos alunos em falar sobre suas angústias relacionadas aos docentes e ao modo como alguns conduzem suas práticas pedagógicas.

Conclui-se que o estilo pedagógico de determinados professores exerce uma influência negativa na afiliação dos estudantes, por criar um ambiente de desestímulo, tensão e angústia, dificultando não apenas a aprendizagem como também a permanência. A pesquisa aponta para a necessidade de serem desenvolvidos e implementados na UFCG, mecanismos de avaliação do Ensino Superior pelo estudante, pois há estudos que mostram que esta é uma ferramenta chave para promover melhorias na Universidade, para provocar reflexões (e possíveis mudanças) nos professores sobre suas práticas e também dar voz ao aluno como um parceiro da instituição (CARNEIRO; SAMPAIO, 2014).

O trabalho mostra a relevância e a carência de realização de pesquisas com temas pertinentes ao contexto universitário com metodologias que se aproximam do cotidiano dos atores sociais, assim como a utilização do diário de campo como instrumento para capturar o que não é dito nas entrevistas, mas que fazem parte da realidade do estudante. A pesquisa também aponta para a necessidade de projetos de intervenção junto aos professores e aos estudantes onde sejam fomentadas discussões e capacitações para o público docente sobre essa temática, incluindo espaços de compartilhamento das práticas docentes, seja pela via das políticas institucionais ou de eventos acadêmicos com a temática em questão.

REFERÊNCIAS

BARDAGI, M. P.; HUTZ, C. S. Eventos Estressores no Contexto Acadêmico: Uma Breve Revisão da Literatura Brasileira. **Interação Psicol.**, v. 15, n. 1, p. 111-119, 2011.

CARNEIRO, V. T.; SAMPAIO, S. M. R. Avaliação do Ensino: a voz dos egressos de um curso de Psicologia. In: **Observatório da Vida Estudantil: avaliação e qualidade no ensino superior: formar como e para que mundo?** Salvador: EDUFBA, 2015, p. 133-145.

CERUTTI, F.; PALMA, D. L.; ARTECHE, A. X.; LOPES, R. M. F.; WENDT, G. W. Autoeficácia entre estudantes universitários ingressantes e veteranos de dois cursos. **Ciências & Cognição**, v. 16, n. 3, p. 57-65, 2011.

CHAVES, E. C. O desempenho de papéis sociais numa relação de ensino-aprendizado. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 1, n. spe, p. 35-42, 1993. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691993000300006&lng=pt&nrm=iso>.

COULON, A. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

COULON, A. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: EDUFBA, 2008.

DANTAS, C. M. M. **O desenvolvimento da docência nas engenharias: um estudo na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)**. 2011. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

GIL, A. C. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2012.

GRASHA, A. F. A matter of style: The teacher as expert, formal authority, personal model, facilitator, and delegator. **College Teaching**, v. 42, p.142-149, 1994.

LAPASSADE, G. **As microssociologias**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. 2 ed. Sao Paulo: Summus, 2012.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, 1993, p. 289-248.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo – Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 2000.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MORENO, C. P.; MOLINA, Y. A.; CHACÓN, J. A. Impacto del Estilo Pedagógico Integrador em los Estudiantes de Licenciatura em Educación Básica. **Formación Universitaria**. v 7, n 6, p. 37-44, 2014.

OLIVEIRA, C. T.; WILES, J. M.; FIORIN, P. C., DIAS, A. C. G. Percepções de estudantes universitários sobre a relação professor-aluno. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 18, n. 2, p. 239-246, Ago. 2014.

PERRENOUD, P. **10 novas competências para ensinar: convite à viagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000. 192 p.